

MARIA VILANI: PERCURSOS LITERÁRIOS DE UMA ESCRITORA BRASILEIRA
MARIA VILANI: *LITERARY PATHS OF A BRAZILIAN WRITER*

ADENILSON BARROS DE ALBUQUERQUE¹

RESUMO

Este artigo está dedicado à parte da produção literária de uma escritora nascida no Ceará e há muitos anos residente no extremo sul de São Paulo. Apresentamos, inicialmente, as obras *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas* (1991) e *O Reino de Roselândia* (1998), publicadas por Vitória Régia, então pseudônimo de Maria Vilani – ativista, apreciada por sua atuação frente ao CAPS e presença consistente no meio literário – que, nos últimos anos, publicou os livros de poemas *Varal* (2012) – base da última seção do presente estudo –, *Penteando a vida* (2016), *A lágrima e o riso* (2017) e *Abcesso* (2019), além do romance *Memórias de Maria e um pouquinho de mim* (2022). Nossa leitura tem o objetivo de lançar apontamentos e trazer a público alguns dos traços temáticos e formais da escrita dessa artista brasileira

PALAVRAS-CHAVE: prosa; poesia; literatura brasileira; periferia; arte.

ABSTRACT

This article is dedicated to the part of the literary production of a writer born in Ceará and living in the extreme south of São Paulo for many years. We present, initially, the works *Cinco contos sem desconto de quebra dois poemas* (1991) and *O Reino de Roselândia* (1998), published by Vitória Régia, then pseudonym of Maria Vilani – activist, appreciated for her performance in front of CAPS and consistent presence in the literary world – which, in recent years, has published the books of poems *Varal* (2012) – the basis of the last section of the present study –, *Penteando a vida* (2016), *A lágrima e o riso* (2017) and *Abcesso* (2019), in addition to the novel *Memórias de Maria e um pouquinho de mim* (2022). Our reading aims to launch notes and bring to the public some of the thematic and formal traits of the writing of this Brazilian artist.

KEYWORDS: prose; poetry; Brazilian literature; periphery; art.

Introdução

Maria Vilani é nome conhecido especialmente pela atuação de mais de três décadas no Centro de Arte e Promoção Social (CAPS), do qual é fundadora, e pelas inúmeras participações em eventos em que, entre outros temas, destaca-se a sua obra poética. Em meio a muitos e variados materiais disponíveis na internet, os interessados poderão assistir, na página do Polo de Ecoturismo de São Paulo, aos programas “(r)existência: CAPSArtes através dos 30 anos no Grajaú” (2021) e “(r)existência: Sarauê especial com Maria Vilani: resistência e ternura” (2021). Neles estão os detalhes do que afirmou He-loísa Buarque de Hollanda no prefácio de *Abcesso* (2019), a mais recente obra poética

¹ Professor de Português e Espanhol do Instituto Federal do Paraná Campus Umuarama. Mestre e Doutor em Letras pela UNIOESTE com pesquisas sobre romances históricos latino-americanos, relacionadas respectivamente à Guerra de Canudos e à Guerra do Paraguai. Autor de *You contar uma história: questões de literatura e leitura da forma cordel* (2021), pela Editora IFPR. E-mail: adenilsonbar@gmail.com

de Vilani, posterior aos também livros de poemas *Varal* (2012), *Penteando a vida* (2016) e *A lágrima e o riso* (2017).

Maria Vilani é arretada. É filósofa, professora, poeta, agitadora, ativista, guerreira, filha, amiga, mãe e avó. De qualquer um destes prismas que se observe Maria Vilani, vamos encontrar uma mulher poderosa, bela, decidida e que resolveu, com grande convicção, mudar o mundo pela palavra. Bem cedo, quando ainda batalhava para aprender a ler, Vilani já sabia que a palavra é uma arma poderosa. E foi de palavra em punho que essa mulher exerceu e exerce sua missão no mundo. Pela palavra, a professora e mãe formou gerações, a filósofa desenhou um dos mais belos projetos de vida que conheço, a poeta expressa, potente, não só seus sentimentos, mas ainda, citando Carlos Drummond, o sentimento do mundo. (HOLLANDA, 2019, p. 7).

Essa mulher da/de palavra, antes de consolidar-se como poeta a partir da segunda década do século XXI, publicou, nos idos de 1990, sob o pseudônimo de Vitória Régia, os livros *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas* (1991) e *O Reino de Roselândia*, cujos contextos e motivações para a escrita estão apontados nos programas indicados acima. Em 2022, publicou o primeiro romance, *Memórias de Maria e um pouquinho de mim*, obra que, nas palavras de Luan Siqueira, se apresenta como um “di-âmance – sendo o diário romanesco (quilate) franqueado a toda inenarrável porosidade de entrefissuras, intercâmbios sob o cruzar de linhas bio-ficto-crono-memorio-gráficas, ou entretempos reticentes de nevrálgicas ressonâncias e intermitências” (2022, p. 144).

Com o objetivo de traçar e apresentar, ao nosso ver, aspectos indicativos da postura literária de Maria Vilani, elegemos para este artigo o livro inaugural *Cinco contos...*, *O Reino de Roselândia* – atualmente esgotados – e *Varal* que, sem perder de vista os demais poemários, alicerça as principais temáticas e características da versificação da autora. Adiamos para momento propício a análise do romance, prosa coesa e certamente assinatura qualitativa de um segundo livro em construção, conforme entrevista da escritora a Fábio Roberto Lucas (2022).

Transitemos, portanto, nas seções seguintes, pelas obras mencionadas, a fim de indicar, sem pretensões totalizantes, alguns caminhos de leitura.

Dois poemas, cinco contos

O livro *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas* (1991) inicia com o poema “O Vintém”, seguido pelos contos “Manobras do Destino”, “Passe de Mágica”, “Moço Pobre – Padre Rico”, “Pedacinho de Gente”, “Doutor Marques” e, finalmente, pelo poema “O Cruzeiro na encruzilhada do Cruzado”. As dedicatórias são “Ao meu pai

que me antecedeu na grande libertação, Cícero Tabosa Cavalcante. À minha mãe que aceitou em seu ventre e não me relegou ao aborto, Maria José Pereira Cavalcante” (RÉGIA, 1991, p. 4).

Os dois poemas, como poderemos constatar a seguir, dialogam com o ambiente político, econômico e social do Brasil da época.

Os contos, em diferentes abordagens, não deixam de indicar um contexto de país, mas será a existência humana, em perspectivas diversas, o fio condutor da maioria deles.

Eis o poema que abre o livro:

O Vintém

Lembro com saudade
do meu velho pai,
contando histórias
sobre o Vintém.

– Minha filha,
o Vintém era uma moeda
que valia Vinte Réis,
estava presente
no bolso de gente decente.

Eu conheci o Cruzeiro.
Cruzeiro Velho,
Cruzeiro Novo.

Tempos depois o Cruzado,
Cruzado Velho,
Cruzado Novo.

Esse último,
antecipa o zero,
coloca a vírgula,
acrescenta nada
no salário do povo. (RÉGIA, 1991, p. 5).

Sendo o poema, no dizer de Braulio Tavares (2005, p. 93), “linguagem concentrada, linguagem que permite múltiplas leituras”, “O Vintém” traz o verso livre como elemento básico, o descompromisso com a combinação em rimas, e a estruturação em cinco estrofes. Chama a atenção certo caráter narrativo com o eu-lírico em primeira pessoa e o acréscimo da fala do pai na alusão ao vintém, isto é, à moeda de bronze de vinte réis, introduzida no Brasil “a partir de 1868” (BCB, 2004, p. 28).

As histórias do pai levam às considerações sobre um tempo presente da escrita, marcado pelo término da ditadura militar (1964-1985) e pelo governo de José Sarney (1985-1990), um período de crises econômicas profundas e de tentativas frustradas de

saná-las, também por meio da implementação de novas moedas – muitas delas reaproveitadas sob a inclusão de carimbo e adaptação de legendas (BCB, 2004, p. 32-34). As mudanças, contudo, gráficas, numéricas, políticas, pouco ou nada adiantam para a melhoria efetiva da vida do povo. A peleja entre o “Velho” e o “Novo”, entre as nomenclaturas eloquentes dos planos, indica como principal derrotada a população, carente dos meios básicos para o bem-estar social.

No fechamento do livro, o tempo histórico demarcado no poema inicial retorna uma vez mais a partir do tema monetário:

O Cruzeiro na encruzilhada do Cruzado

O Cruzeiro caminhava a passo lentos,
Cambaleantes... mas insistia em continuar.
Eis que de repente, surge o Cruzado,
forte e bravo como um guerreiro.

Entrou em conflito
com o pobre e velho Cruzeiro
que, em luta face a face,
perdeu a batalha.

Derrotado, escondeu-se dentro de si mesmo.
Agora, todas as honras, todas as glórias
se dirigiam ao Cruzado:
O Senhor Vencedor.

O tempo passou... provou que ganhador
nem sempre é o mais forte
e tal qual o Cruzeiro,
o Cruzado fraquejou.

Voltou a reinar
o Cruzeiro
com seus passos
lentos e cambaleantes.

Na encruzilhada do Cruzado
não ganhou
Cruzado nem Cruzeiro.
Perdeu o povo brasileiro. (RÉGIA, 1991, p. 31).

Aqui retoma-se as características formais do primeiro poema, mas com um eu-lírico que, não mais “personagem”, se distancia para apresentar os elementos contextuais e uma conclusão: diante das disputas entre as moedas personificadas, mesmo com o retorno do Cruzeiro (1990-1993), novamente quem perde é o povo.

Em “O Vintém” e “O Cruzeiro na encruzilhada do Cruzado”, constatamos alguns dos elementos formais, estéticos, pessoais e ideológicos, que reaparecerão nos livros da poeta a partir da publicação de *Varal* (2012). São eles: a presença da figura pa-

terna, a memória, o tempo, a opção pelo verso livre, a musicalidade, o compromisso social e o ritmo no uso fluido de assonâncias e aliterações. Sem a pretensão de esgotar os caminhos e as abordagens do seu fazer literário, ressaltamos ainda o jogo de palavras e as metáforas na construção de imagens lírico-filosóficas, recorrentes na composição de poemas como “Cerne da alma”, de *A lágrima e o riso*.

Cerne da alma

Onde dói a dor?
No cerne da alma.
Onde é que mora a alma?
Em algum lugar do corpo.

Então, o corpo dói?
Dói no cerne na alma.
Em algum lugar do corpo?
Sim. Em algum lugar do corpo.

Qual é o lugar do corpo preferido da dor?
O cerne da alma.
Que mora em algum lugar do corpo?
Sim. No cerne da alma. (VILANI, 2017, p. 54).

Na sequência do poema “Vintém”, “Manobras do Destino” é o primeiro e mais longo dos cinco contos. Após três parágrafos iniciais, divide-se em treze partes: As separações; A montagem da casa; A troca de conhecimentos; Os namorados; Diálogo; A rotina; O reencontro; A casa vazia; A viagem de Ailton; A viagem sem volta; Ailton voltou mas não para mim; Enfrentando preconceitos; Mudei de cidade.

Escrito em primeira pessoa, a narradora e personagem central é Elaine, que expõe um período de sua vida, na cidade de Fortaleza, marcado especialmente pela presença das personagens Ilda e Ailton. As partes intituladas do conto revelam uma sequência tornada lógica somente após a leitura completa da história. Em vários momentos, deparamo-nos com surpresas que quebram a expectativa aparente e nos levam a seguir adiante em busca do desfecho. Momentos esses podem ser exemplificados em “como fomos parar naquela casa” (RÉGIA, 1991, p. 6), “o motorista muito educado me ofereceu carona” (RÉGIA, 1991, p. 9), “O motorista desceu, bravo, como quem ia me bater” (RÉGIA, 1991, p. 11), “Saia daqui sua prostituta” (RÉGIA, 1991, p. 10).

A princípio, nossa atenção prende-se à amizade de duas mulheres em um mundo conservador e machista:

Eu tinha o curso primário, sabia ler e escrever relativamente bem, tinha dezoito anos, era comerciária, mas não conseguia emprego no comércio por ser separada, sempre que preenchia uma ficha, a primeira coisa que chamava a atenção era o meu estado civil, desquitada não

ficava no emprego, o gerente convidava para dar uma voltinha, oferecia um presente e pronto. (RÉGIA, 1991, p. 8).

As personagens Elaine e Ilda moravam juntas, decisão tomada após separarem de seus maridos e não considerarem boa ideia ficar na “casa dos outros” (RÉGIA, 1991, p. 7). Ilda era mais velha, analfabeta antes de aprender a ler com Elaine. Será a personagem Ilda a responsável pela primeira traição: “uma vizinha me informou que Ilda e Benedito chegaram com um caminhão e colocaram tudo na carroceria [...] ela só estranhou o fato de ela deixar na casa somente os meus pertences”. (RÉGIA, 1991, p. 12-13). A segunda traição será a de Ailton, em grande medida influenciado pelos ciúmes e invenções de Ilda. Inconformada, com o passar do tempo, Eliane insiste em saber o motivo da indiferença de seu grande amor e, por fim, descobre-o: “— Agora você está toda santinha, mas na hora de tirar a roupa e ficar de agarramento com o homem da sua melhor amiga, você não era santa não. Quer saber de uma coisa? Se manda daqui, se eu pudesse mataria você, se isso aliviasse a dor do meu irmão”. (RÉGIA, 1991, p. 18).

Muitos anos passados, Elaine, que se mudou para o Rio de Janeiro, nunca mais teve notícias de Ailton e afirma ter perdoado Ilda. Chama-nos a atenção uma advertência logo abaixo do término do conto: “Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança será mera coincidência”. (RÉGIA, 1991, p. 19). Não esqueçamos, porém, das palavras de Ricardo Piglia (2004, p. 94): “O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”. Em “Manobras do destino”, assim como nas demais histórias do livro, não será profícuo insistir na busca de semelhanças com a biografia da autora. Para além de possíveis e incertos paralelos, o que avultam fundamentalmente são os segredos sob a superfície revelados, as experiências humanas (re)construídas ao momento da leitura.

No segundo conto, “Passe de Mágica”, a narradora personagem estava numa loja escolhendo um vestido. Nenhum a agrada. Aparece a personagem dona “E” que indica outra loja. Nessa loja, é dona “E” que compra um vestido e, como sugere o título do conto, num passe de mágica, as duas se encontram num quarto de hotel mobiliado, depois em outro quarto onde havia apenas uma cama de casal. Em seguida, a voz enunciativa da narrativa se vê diante de um poço e “mais um vez como num passe de mágica surgiu um negro que cochichou qualquer coisa no meu ouvido, não compreendi”. (RÉGIA, 1991, p. 21). Eles caminham e encontram outros homens negros. Todos queriam casar com ela. Um deles oferece uma espécie de contrato. Novo passe de mágica e nossa personagem está no mar calmo. Do outro lado, onde a visão alcança, estão seu dois

filhos mais velhos, adolescentes. Eles acenam. A mãe pede para eles não virem pelo meio. Havia duas recém-nascidas numa incubadora. A narradora acorda e volta-se ao leitor: “Você quer decifrar esse sonho?” (RÉGIA, 1991, p. 23). A explicitação, ao final, de que se trata de um sonho justifica a desconfiança que vai surgindo no decorrer da leitura. Estamos diante de um relato transgressor de casualidade e temporalidade, característico do fantástico em que “*la cadena de causas y efectos, gran ordenadora del universo produce las peripecias más inesperadas*” (TACCONI DE GÓMEZ, 1995, p. 27-28).

Em “Moço Pobre – Padre Rico”, terceiro conto, narra a história de um rapaz órfão que muito trabalhou e pouco ganhou em uma fazenda. Ele chega a uma igreja, faminto. O sacerdote não atende, alegando pressa para uma extrema-unção. O bodegueiro, diante da morte do rapaz, busca o sacerdote que também morre, semanas depois, de remorso. “Os dois morreram antes da hora, um de fome, outro de omissão, para completarem seus dias na terra, vagam hoje de mãos dadas pelas ruas de Quixadá”. (RÉGIA, 1991, p. 25).

Questões relacionadas à existência do espírito após a morte terrena retornam no quarto conto, “Pedacinho de Gente”. O narrador personagem é um adolescente que muito ama sua mãe, mulher atenta, carinhosa, delicada. Ela morre. Ele não suporta a dor da perda e também morre. No outro mundo, é informado de que sua mãe está em outra dimensão, começa a lembrar do jatinho de seu pai e da mansão onde viviam. Mas principalmente se vê sem sua mãe, seu Pedacinho de Gente. “Durante muito tempo, não consegui ver mamãe e nem os que deixei na terra. Embora sentisse muita saudade, o Senhor Manoel me assegurou que avisaria quando chegasse a hora de ver mamãe, enquanto isso eu teria que cuidar das orquídeas do jardim”. (RÉGIA, 1991, p. 28).

Nessas duas histórias, por caminhos diversos, somos convidados a refletir sobre a vida em sua plenitude, sobre nossas condições de igualdade como parte do cosmo, apesar dos conflitos decorrentes das ignorâncias humanas. Os contos apontam para um processo de preparação e compreensão em que o tempo e os que são/estão antes de nós encarregam-se dos ensinamentos. Essa vertente filosófica será uma das constantes na obra poética da autora.

No quinto conto, “Doutor Marques”, o riso e a leveza voltam-se para uma personagem dona de bar, em cuja frente havia um orelhão de uso comunitário, que não gosta de ser chamada pelo nome José Marques, nem pelo apelido Zé Chuisca.

Certa manhã quando lá fui telefonar...
— Zé, 5 (cinco) fichas, por favor.

- Que Zé o quê? Doutor Marques!... retrucou.
- Qual a sua especialidade?
- Sei lá... só sei que sou doutor!...
- Hum... você é especialista em PINGOLOGIA, formado pela Universidade dos Bebuns. (RÉGIA, 1991, p. 29).

Além das considerações sobre a freguesia que vai tratar de dor de cotovelo, nostalgia e remorso no bar famoso que ganhou até placa de bronze, chama a atenção a referência aos telefones de ficha que marcam um tempo histórico condizendo ao período de publicação do conto. No já referido “(r)existência: CAPSArtes através dos 30 anos no Grajaú” (2021), Maria Vilani fala sobre o orelhão, José Marques, lê o conto e comenta sobre a época em que o telefone comunitário foi importante para o ativismo artístico e a reunião de poetas.

Na composição de *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas*, poesia e prosa anunciam a obra poética consolidada e, de certa forma, o romance *Memórias de Maria e um pouquinho de mim*. A primeira obra dessa artista brasileira, como ficou registrado em prefácio assinado pelo seu filho Clayton Cavalcante Gomes (1991, p. 3), com quem concordamos, é, portanto, “diferente, diversificada, como se podia esperar de Vitória Régia. [...] Abrange as pessoas de qualquer carência literária. Das palavras mais simples às palavras mais profundas”.

O Reino de Roselândia

Em linhas gerais, a história d’*O Reino de Roselândia* começa em uma terça-feira ensolarada, quando a personagem Mel, a florista do reino, está colhendo flores no jardim. Aparece a rainha Nadja que, autoritária, se incomoda com a presença da moça. Na quarta-feira, Mel retorna e se depara/assusta com o espantalho. Ele diz que ela é mágica. Tornam-se amigos. Na quinta-feira, novamente a rainha aparece e esbraveja com Mel. A rainha retira-se, resmungando, pensando que tudo seria diferente se o rei estivesse vivo. Mel é consolada pelo espantalho. Aparece a personagem príncipe Naran, coração de pedra, que se encanta pela moça.

O espantalho percebe e canta:

O cupido chegou
 Com sua flecha físgou
 O coração do príncipe Naran
 O sol da esperança brilhou
 A carranca do príncipe desapareceu
 O amor nasceu, o amor nasceu
 A florista empalideceu

Mas logo compreendeu que
O amor floresceu, o amor floresceu (RÉGIA, 1998, p. 10).

O príncipe e Mel estão dançando no jardim quando aparece a rainha que não admite seu filho envolvido com uma plebeia filha de jardineiro.

No sábado, os enamorados conversam sobre a rainha não aceitar para o filho uma esposa sem dote. Sob a insistência do príncipe, a rainha resolve receber Mel para saber o que ele quis dizer com “mamãe, ela tem algo que vale muito mais que dinheiro” (RÉGIA, 1998, p. 14).

Meses passaram. Mel estava ansiosa para saber a decisão da rainha. No dia em que foi apresentar seus dotes,

Pássaros voavam, o vento cantava
“Venha Mel, Venha Mel, Venha Mel.
Não temas por nenhum segundo,
Pois toda a beleza do mundo
É a Arte, a Magia e o Amor.
Lá Rá Lá – Lá Rá Lá – Lá Rá Lá” (RÉGIA, 1998, p. 17).

Adornada por vaga-lumes e joaninhas, acompanhada pelo bailar das árvores, Mel abre as janelas do jardim, invadido por uma melodia do infinito, e dança diante do príncipe e da rainha. Ao arrancar uma rosa, nascem outras e a rainha, atônita e explodindo de alegria, descobre a magia de Mel, o segredo das belezas do jardim. Toda a Roselândia esteve na festa de casamento e viu, à porta, desajeitado e dando gargalhadas de felicidade, chegar o espantalho, “último convidado, o tão esperado amigo de Mel” (RÉGIA, 1998, p. 22).

Na história, desde o título, avultam elementos tradicionais dos contos de fadas como a rainha, o príncipe, o castelo, a plebeia e o recurso do maravilhoso. Sabendo-se que “*el cuento maravilloso debe ser confrontado con la realidad histórica del pasado y en ella deben de buscarse sus raíces*” (PROPP, 1998, p. 21), optamos aqui por lembrar que a obra em questão “é uma adaptação da peça de teatro ‘A Florista’” (RÉGIA, 1998, p. 2), também de autoria de Maria Vilani, elaborada sob medida para os filhos da escritora.

Sobre a inspiração e a produção da peça, vale a pena conferir as entrevistas já citadas. Em “(r)existência: CAPSArtes através dos 30 anos no Grajaú” (2021), por exemplo, Vilani afirma que “tudo isso contribuiu para que as crianças se desenvolvessem. [...] Eu não estudei teatro. Mas eu escrevi a peça, montava o figurino, fazia o cenário, tudo intuitivamente, tudo por amor”. Comenta ainda, orgulhosa, que “uma menina pegou, fez uma peça de teatro d’*O Reino de Roselândia*... todos amadores esses artistas e

tem gente que seguiu, seguiu o caminho no teatro e que vive de teatro hoje... Pelo menos até antes da pandemia se vivia de teatro”. Temos aí uma das principais missões do CAPS que “não ensina. Ele só cria meios para as pessoas encontrarem a si mesmas”.

De volta ao livro, salientemos que as ilustrações estão assinadas por Mauro Neri, “apenas um garoto quando foi convidado para ilustrar um livro infantil da poeta e filósofa Maria Vilani. Três décadas depois, o artista se consagrou como um dos nomes mais conhecidos do grafite paulistano”. (MURAL, 2021, s. p.). Recentemente, Neri homenageou Maria Vilani com uma bela e gigante obra que pode ser conferida em Santana (2021).

O Reino de Roselândia conta também com várias atividades sugeridas por Cleane Cavalcante Gomes (a florista da peça), filha da autora, que em 2021, como tantas outras vítimas dos descasos institucionais, faleceu em decorrência da Covid-19, antes que pudesse se valer do direito à vacinação. São atividades lúdicas que propõem continuar a história, levar as personagens por um labirinto, escrever nomes em círculos próprios para cada letra, realizar pinturas em espaços determinados, jogo dos sete erros, etc., além de recomendar possibilidades de trabalho ao professor que porventura tivesse a intenção de levar a obra para sala de aula.

O pensar a educação e a produção de material próprio a partir da inspiração artística, para ficarmos apenas com dois argumentos, estão impressos nessa obra de realização coletiva – como são todas as publicações da autora – vinda à luz nos idos de 1998.

Da poética vilaniana

Presença marcante seja na seleção de poemas seja na escrita de posfácios em livros de Maria Vilani, o pesquisador filosófico e literário Luan Siqueira destaca que a “excelsa incógnita inscrita na própria pele, à flor da pele, faz-se inextirpável na sanguínea poesia *vilaniana*, derradeiro enunciado do que em nós se emudeceu, se transfigurou reticente”. (2017, p. 11). Outro conhecedor das obras da autora, Fábio Roberto Lucas chama a atenção, em comentário sobre *A lágrima e o riso*, para uma poética em que há o “fluxo contínuo de afetos, pulsões, pensamentos e linguagem” (2017).

Na direção dessas palavras, voltamo-nos para a leitura de poemas presentes em *Varal*, cuja coordenação editorial e ilustrações estão assinadas por Adenildo Lima. Na obra composta por “poemas escritos ao longo de três décadas, [...] cada poema traz algo sobre a consciência da realidade e sua forma de se deparar com o as transformações do

Ser” (LIMA, 2012, s. p.); encontramos nessa publicação as principais temáticas constantes nos livros posteriores os quais, entre outros aspectos, foram ganhando novas texturas em termos de linguagem e complexidade filosófica. Não sendo, porém, o objetivo deste artigo o estudo comparado da poética vilaniana – o que mereceria o fôlego de uma dissertação ou tese –, passemos inicialmente, respeitando, quando possível, a formatação original dos poemas, à vertente político-social a partir dos poemas “Estação velhice”, “Os diamantes do MOCAP” e “Nações Unidas”; num segundo momento, à recorrência do metapoema, na esteira de “Apenas escombros”; e, finalmente, questões de forma e linguagem, tendo como exemplos “Crepúsculo da vida”, “Terminal da vida” e “Ladeira”.

Em “Estação velhice”, flertando com a prosa, a vida e o tempo prenunciam o tom autoral, a atenção refinada e crítica às questões humanas.

Estação velhice

É difícil envelhecer. Primeiro, porque não se chega lá.
Antes se morre: se não de tédio, de revolta ou inanição.
E quando se consegue, no mundo real não há perspectiva.
Há um contínuo lutar sem forças, para não chegar.

Na ficção, no mundo das palavras, onde tudo é velado,
Onde autores com belas palavras empenham-se em ajudar.
Com autoajuda generalizam particularidades;
Nesses livros dourados, perdem-se as singularidades.

Veja ou outra aparecem depoimentos
de gente que muito viveu.
Que foi muito feliz. E teve mil maneiras para
construir sua felicidade.
E despeja as suas maneiras de ser e de agir
com receitas universais.
Não atentam que cada ser é um universo em particular.

Envelheci! Não morri de tédio, nem de
revolta, nem de inanição.
Cheguei à ESTAÇÃO VELHICE: Estou aqui!
Estou morrendo de indignação com o descaso e o abandono
A essa estação tão propagada e venerada nos dias atuais.
(VILANI, 2012, p. 7).

A perspicácia sobre as enganações midiáticas e a indignação direcionada ao descaso e ao abandono em relação aos idosos são ampliadas, como poderemos notar, em “Os diamantes do MOCAP”, sigla referente ao Movimento pela Cidadania Artística da Periferia que, idealizado por Vilani e segundo ela afirmou em uma das edições do TEDx (2017), “nasceu porque nós percebemos que os artistas [artesãos, poetas, músi-

cos...], ao fazerem a sua arte, com muito talento, com muito esmero, eles não conheciam a origem daquilo que faziam”.

Os diamantes do MOCAP

Há tantos diamantes que não conhecem o seu valor, ocultos
No cascalho da imensa senzala:
Minha periferia.

Há tantos diamantes que não conhecem o seu valor, atirados
Nos becos e vielas do submundo:
Minha periferia.

Os diamantes que não conhecem o seu valor são os adotados
Pelo MOCAP – cantinho dos artistas da
Minha periferia.

Os diamantes do MOCAP em luta,
cujas armas são a arte, a magia,
O amor... Erguem a bandeira da
Minha periferia.

Os diamantes têm o dom de transformar a
senzala em casa grande,
Morada da alegria:
Minha periferia.

Os diamantes do MOCAP vasculham o cascalho, resgatam
Os sonhos e os deitam na rede da
Minha periferia.

Os diamantes do MOCAP tecendo a sua arte embalam
Os sonhos meus – melhorar a vida na
Minha periferia. (VILANI, 2012, p. 20).

O pertencimento ao lugar, à periferia – já é famosa a frase “Grajaú é o meu país”, cunhada pela autora (LUCAS, 2021) –, destaca-se no reiterar do pronome possessivo “Minha”. O grito demarcado em busca do conhecimento e do fazer artístico e social, políticos em essência, como em missão, também ecoa em versos como os presentes nos poemas “Saraus poéticos”, “O ser humano é humano/ Em qualquer estância,/ Nos centros, nas bordas/ e nas pontas” (VILANI, 2016, p. 97), de *Penteando a vida*, ou “Vozes da periferia”, “A periferia e sua rebelião silenciosa e orvalhada de desejos/ Dorme em silêncio macabro, porque grita suas vozes/ Em latas de reco-reco e o som que emitem não importa...” (VILANI, 2019, p. 101), de *Abscesso*.

No caminho em direção ao direito à arte está, por todos os lados, a exploração do trabalho cotidiano, tema que a poeta não negligencia, por exemplo, no poema e seguir:

Nações Unidas

Avenida dupla. Dentro dela
Arbustos floridos, forrado de grama
Pisada por passos apressados
De operários atrasados.

Coberta por um céu cinzento
De névoas escuras, tingidas
Pela fumaça das chaminés
De montes de concreto.

Ao som de buzinas e de motores
Em alta velocidade
Transportando mentes congestionadas
E corações disparados.

Na ansiedade de mais um dia de trabalho!
Caminhões e carretas transportando progresso,
Progresso que aliena as mentes
E embrutece os sentimentos.

Nações Unidas
De trabalho escravo
Que separa o trabalhador de sua família
Prendendo-o ao seu labor

Em suas horas de lazer
Roubando-lhe o prazer
Da convivência amiga
NAÇÕES, o que tu tens de UNIDAS? (VILANI, 2012, p. 39).

A urgência e a necessidade repetitiva do assunto – já que os poderes públicos e sociais parecem não querer resolver as questões trabalhistas que vulnerabilizam a maior parte das populações há séculos – retornam ainda nos versos de “Cabra do nordeste”, “E lá dentro daquele galpão/ Me espera a solidão/ Num barulho danado/ Que não dá nem pra contar” (VILANI, 2012, p. 27), de *Varal*, e “Guardiões do reino”, “Extenuada de rastejar ermos caminhos/ No deserto do abandono e do descaso/ Segue a camada mais pobre da sociedade/ Driblando os guardiões do reino da exploração” (VILANI, 2017, p. 10), de *A lágrima e o riso*. Também vale a pena conferir o documentário/performance “Nações Unidas”, dirigido por Lucas Moon, em que o poema em destaque alicerça, em sons e imagens, uma ampliação de perspectivas a partir dos versos.

Quanto à reflexão sobre o ser poeta e a escrita da poesia, outra constante na obra vilaniana, elegemos “Apenas escombro”:

Apenas escombro

Nasce o poeta

Cria versos
A uns agrava
A outros encanta

Foge o poeta
Surge o desencanto
Procura-se o poeta
Em todos os cantos

Morre o poeta
Surge a tristeza
Renasce o homem
Apenas escombros
(VILANI, 2012, p. 123).

Igualmente representativos das características metapoéticas em *Varal* são “Neutralidade”, “Seria capaz de escrever um poema agora?/ Por que escreveria?/ Que sentido daria a minha vida?/ Que diferença faria?” (VILANI, 2012, 44), “Refúgio”, “Arma-se:/ Caneta e papel./ Sai madrugada afora/ Em busca de refúgio” (VILANI, 2012, p. 64), “Trânsito da vida”, “Um caminhão de dor atropelou/ A minha inspiração, despejou/ Na minha veia poética os detritos/ Do tédio e da solidão” (VILANI, 2012, p. 69), “Ser poeta”, “Ser poeta é voar ao infinito/ Com os pés sujos de barro” (VILANI, 2012, p. 83), “A concha e o poeta”, “Para extrair-se uma pérola/ É mister muito sofrimento,/ Não da pérola, mas da concha” (VILANI, 2012, p. 85). Em *Abscesso*, a questão reaparece em “Fios da memória”, “Por meio das encantadas palavras,/ Instrumentos da compreensão do mundo/ E da minha experiência com Deus”. (VILANI, 2019, p. 51).

Finalmente, voltemo-nos para a composição formal, especialmente no uso das antíteses, assonâncias e aliterações que, ao lado das metáforas, constituem em grande medida a elaboração dos poemas. Sobre o jogo de palavras, vejamos dois deles:

Crepúsculo da vida

O céu do inferno dos dias meus
É chegar ao crepúsculo da vida
Sem sentir saudade da aurora
Da vida minha.

Terminal da vida

Na estrada da alegria,
Quanta tristeza embutida
Em cubos de sacrifício.

Quanta lágrima
Represada por falsos
sorrisos

No terminal da vida.
(VILANI, 2012, p. 24).

Já o cuidado com a sonoridade é elemento fundamental na quase totalidade dos poemas vilanianos, seja na essencialidade dos versos de “Casas cadentes”, “Caravanas de copos/ Corporificam-se/ Em calados cálices” (VILANI, 2012, p. 73), de *Varal*, ou “O nexa da morte”, “Monstruosa, sórdida,/ Maldita, trágica, medonha!” (VILANI, 2016, p. 70), de *Penteando a vida*, seja como auxílio luxuoso em vários momentos de:

Ladeira

Ladeira que sobe se tem que descer
Ao nascer ganha-se a certeza de morrer
Morrer não é empecilho à felicidade
Empecilho é viver sem felicidade

A felicidade depende do estatuto
Que se ganha ao nascer
As lembranças que se trazem
As experiências que se acumulam

Ao viver aprende-se a morrer lentamente
Lentamente caminha-se para o nada
O nada que conduz ao tudo
Ao tudo que anseia por significado

O significado significando ressignificando
Estruturação do ser em cambalhotas
No imenso circo onde todos os palhaços
Palhaços cheios de guizos à mercê da sorte

E os sons que emitem não importam quando chega a morte
A morte não é empecilho à felicidade
A felicidade consiste em decifrar os sons da vida
Os sons da vida são o prenúncio da morte

Os sons da vida e da morte se confundem
Embaralham-se num eterno vai e vem
Vão e vêm, vêm e vão
A cantar o encanto da vida e o desencanto da morte. (VILANI, 2012, p. 87).

Impossível não notar em “Ladeira”, para além das assonâncias e aliterações, a repetição vocabular entre os versos e nos fechamentos e inícios das estrofes, talvez inspirada na “deixa” comum a emboladores e cordelistas. Tal recurso reaparece em “Efeitos colaterais” (VILANI, 2019, p. 55-56), de *Abcesso*, em que, entre uma estrofe e outra, evidenciam-se as palavras “ações”, “crenças”, “melodias” e “pensamento”.

Outras vertentes de leitura, a exemplo de “Pai nosso”, presente em *Abcesso* (2019, p. 71) e publicado na voz da autora (VILANI, 2020), em vídeo-arte realizado por Alessandra Silveira, poderiam estar aqui integralmente abordadas. A escolha dos poemas, completos ou em fragmentos, deu-se, contudo – e esperamos que a contento –, co-

mo tentativa de apresentação geral de uma escritora brasileira cuja obra literária vem sendo construída, firme e multifacetada, há mais de quatro décadas.

Considerações finais

Assim como Maria Vilani externou em *Penteando a vida* sua gratidão à Thelma Helena das Chagas pelo apoio às edições de *Cinco contos...* e de *O Reino de Roselândia*, agradecemos ao Adriano Mendes e à Priscila Moreira por cederem gentilmente as cópias das respectivas obras, basilares para o nosso estudo.

Assim como a personagem “Mel saltitava e sorria ao colher cada flor, como se cada uma fosse uma jóia rara” (RÉGIA, 1998, p. 3), Maria Vilani, em sua literatura e atuação social, segue plantando e colhendo frutos – vide o site oficial do CAPS, a página do Instagram ou o Podcast, todos elencados a seguir nas referências.

Nossa proposta de apresentar as primeiras publicações de Maria Vilani, as duas assinadas pelo pseudônimo Vitória Régia, “ou *mumuru*, como é chamada pelos índios tupis-guaranis” (MEC, 2020, p. 13), e o primeiro de seus livros de poemas, pretendeu contribuir para a fortuna crítica da autora, lançando alguns elementos – como o olhar pela/para periferia, as questões filosóficas e de linguagem marcantes em toda a sua trajetória literária – que podem ser de valia a presentes e futuros pesquisadores.

Referências

BCB. *Dinheiro no Brasil*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2004.

CAPS - Centro de Arte e Promoção Social. Disponível em: <https://www.capsartes.com.br/> Acesso em: 30 set. 2021.

CAPSArtes. *Instagram*, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2WsL9p3> Acesso em: 30 set. 2021.

GOMES, Clayton Cavalcante. Prefácio. RÉGIA, Vitória. *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas*. São Paulo: Formato Produções Gráficas Ltda, 1991.

LIMA, Ivanildo. Orelhas. VILANI, Maria. *Varal*. Ilustrações de Adenildo Lima. São Paulo: Editora da Gente, 2012.

LUCAS, Fábio Roberto. Quarta capa. VILANI, Maria. *A lágrima e o riso*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2017.

LUCAS, Fábio Roberto. Vida Literária - Prof. Dr. Fábio Roberto Lucas entrevista Maria Vilani. Literatura PUC-SP, *Youtube*. Disponível em <https://bitly.com/XcQZav> Acesso em: 26 maio 2022.

MURAL. Mauro Neri: o artista do Grajaú que te faz Ver a Cidade. *Mural*, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3CYirvJ> Acesso em: 29 set. 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Prefácio. VILANI, Maria. *Abscesso*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2019.

MEC. *A lenda da Vitória Régia*. Ebook. Brasília: MEC/Sealf, 2020.

MOON, Lucas. Nações Unidas – Short Doc. *Youtube*. Disponível em <https://bitly.com/DOaGvo> Acesso em: 30 maio 2022.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PODCAST CAPSARTES. Disponível em: <https://spoti.fi/3zX37O4> Acesso em: 30 set. 2021.

PROPP, Vladimir. *Las raíces históricas del cuento*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1998.

RÉGIA, Vitória. *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas*. São Paulo: Formato Produções Gráficas Ltda, 1991.

RÉGIA, Vitória. *O Reino de Roselândia*. Ilustração. Mauro Sérgio Neri da Silva. São Paulo: Edição Independente, 1998.

SANTANA, Caio Luis. Fotos. *Facebook*, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3B1wZdB> Acesso em: 30 set. 2021.

SIQUEIRA, Luan. Filossóficio. VILANI, Maria. *A lágrima e o riso*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2017.

SIQUEIRA, Luan. As encruzilhadas de Maria. Posfácio. VILANI, Maria. *Memórias de Maria e um pouquinho de mim*. São Paulo: Ed. Da autora, 2022, p. 133-146.

TACCONI DE GÓMEZ, María del Carmen. *Categorías de lo fantástico y constituyentes del mito en textos literarios*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán Facultad de Filosofía y Letras, 1995.

TAVARES, Braulio. *Contando história em versos: poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

VILANI, Maria. *Varal*. Ilustrações de Adenildo Lima. São Paulo: Editora da Gente, 2012.

VILANI, Maria. *Penteando a vida*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2016

VILANI, Maria. *Entre a lágrima e o riso*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2017.

VILANI, Maria. *Abscesso*. São Paulo: Ed. do Autor: Capsianos, 2019.

VILANI, Maria. *Memórias de Maria e um pouquinho de mim*. São Paulo: Ed. da autora, 2022.

VILANI, Maria. (r)existência: CAPSArtes através dos 30 anos no Grajaú. *Polo de Ecoturismo de São Paulo*. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3ohYPPq> Acesso em: 27 set. 2021.

VILANI, Maria. (r)existência: Sarauê especial com Maria Vilani: resistência e ternura. *Polo de Ecoturismo de São Paulo*. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3m7pJGR> Acesso em: 27 set. 2021.

VILANI, Maria. Cultura, poesia e filosofia na periferia. TEDxLaçador. *Youtube*. Disponível em: <https://bitly.com/FGVvOP> Acesso em: 31 maio 2022.

VILANI, Maria. Pai nosso, vídeo arte e poema. Maria Vilani. *Youtube*. Disponível em: <https://bitly.com/yedhsi> Acesso em: 30 maio 2022.

VILANI, Maria et al. FLIG 2021: Roda de Conversa - Brasis, Suas Identidades por Meio das Palavras. Disponível em: <https://bit.ly/3zOykmM> Acesso em: 27 set. 2021.